

OPERA

"LO SCHIAVO"

II

A partitura de "Lo Schiavo" foi escrita na Itália, iniciada na Vila Brasília, perto de Milão, e terminada num obscuro apartamento da Via Marino, naquela cidade. A estréia, entretanto, só se deu no Teatro Lirico do Rio de Janeiro, a 27 de setembro de 1889, com um elenco excepcional: o barítono De Anna no protagonista, o soprano dramático Peri e o tenor Cardinali, sob a direção do autor.

Esta ópera tem figurado, com relativa frequência, no repertório das temporadas líricas nacionais e estrangeiras. Poucas vezes, entretanto, foi montada e cantada a rigor. As edições verdadeiramente dignas de nota foram: a de 1921, no Rio e em S. Paulo (Rimini, Rosa Raisa, Totti dal Monti); a de 1936, também no Rio e em S. Paulo, sob a incomparável regência de Angelo Questa (Armando Borgioli, Gina Cigne, Marcato); a de 1937, no Rio (Borgioli, Margherita Grandi, Masini). Das representações por elenco nacional, é de justiça salientar a de 1943 (Silvio Vieira, excelente Iberê, Maria Helena Martins, Maria Augusta Costa, Iagel).

Sob vários aspectos, a presente edição se alçou a plano elevado, principalmente pelo esforço desenvolvido no sentido de "reintegrar a ópera na evolução normal do teatro", isto é, dando-se valor também aos outros elementos que a compõem (cenários, costumes, direção cênica etc.) e não os relegando a nível secundário para só emergir, absolutos, a música e o canto.

Os cenários apresentados merecem, na verdade, louvores, em especial os do 3.º e 4.º atos, nunca vistos em teatros de ópera no Brasil e mesmo nos mais afamados teatros líricos do mundo. Já os figurinos, desenhados por Luciana Petrucci, não puderam ser executados senão em parte; os que foram vistos, digam-se de passagem, não são nada famosos...

A direção cênica — que teve a colaboração de um diretor de teatro, embora ligeira — nada apresentou de incomum: por falta de tempo para maiores ensaios, ao contrário, era patente certa bisonhice de movimentos e de atitudes pela comparsaria e côro.

Regeu a ópera o maestro Eleazar de Carvalho que, já em 1943, a regera de cor no Rio de Janeiro; não nos pareceu que a tenha dirigido ontem de memória. Conquanto não merecesse a orquestra os aplausos calorosos e incondicionais que o público lhe granjeou quando da versão excepcional de Angelo Questa, foi a partitura conduzida pelo já famoso maestro brasileiro sem tropeços. Fazemos, todavia, imediata restrição à maneira trovejante por que a elevou com frequência, sobretudo no concertante do 2.º Ato e na Alvorada, onde, para causar efeito fácil, o que infelizmente logrou, elevou os instrumentos de percussão ao paroxismo sonoro.

Giuseppe Taddei forma com Guelfi, Poli e Bastianini o grupo dos quatro grandes barítonos da atualidade. Tivemos ensejo de ouvi-lo, nas temporadas cariocas de 1954 e 1955, em esplêndidas caracterizações de Falstaff, Simon Boccanegra, Iago, Gerard e no mais notável Scarpia destes últimos vinte anos. Deslocado num papel estranho ao seu repertório, que não se coaduna com

o seu tipo de voz e que lhe expõe, impiedosamente, a notória dificuldade nos agudos, esteve quase irreconhecível no 1.º ato. Melhorou nos atos subsequentes, mas não conseguiu imprimir o relevo que dele se poderia esperar à bela ária "Sogni d'amore". (Imperdoável a barbicha que lhe permitiram usar! in-dio não é conde espanhol!). O público paulistano terá oportunidade de ouvi-lo no Scarpia e aplaudi-lo como cantor fino e consciencioso, de respeitável volume vocal.

Antonietta Stella estrepou no Rio, na temporada do ano passado. A justa, a legítima cintilação da Tebaldi não conseguiu ofuscá-la: conquistou logo a plateia com sua voz linda e quente de soprano lírico "spinto", educada em muito boa escola. Canta com finura e sentimento e é um dos reais valores da cena lírica contemporânea. Desobrigou-se satisfatoriamente da Ilara, embora um tanto contrafeita, como é natural, tratando-se de um papel que canta pela primeira vez. Confessamos, porém, que dela esperávamos melhor interpretação de "Oh ciel di Parahyba" e "Comme serenamente". Aguardemos Flória Tosca e Aida.

Sem qualquer arroubo de patriotismo, Agnes Ayres foi a melhor figura da noite. Senhora da cena, tranquila, com voz límpida e encorpada, de belo timbre, deu-nos uma Condessa de Boissy de primeira ordem. Foi-nos grato verificar o progresso demonstrado pela cantora patricia na emissão das notas acima da pentagrama.

Na figura de Americo, substituindo quase à última hora o tenor Patassini, reapareceu Antonio Salvezza, que desde 1935 militava nas companhias líricas nacionais e estrangeiras do Rio e de S. Paulo, mas que já há alguns anos residia na Itália. Conseguiu não comprometer o espetáculo, sem embargo de algumas desafinações, valendo-se sempre das notas agudas que já no passado foram o seu forte.

Italo Tajo é um ator de excepcionais recursos histriônicos. Vimo-lo na "Kovantchina", em inesquecível interpretação. Artista inteligente, supre com os referidos dotes cênicos, na medida do possível, o patente cansaço da voz, já desigual e penosa nos graves.

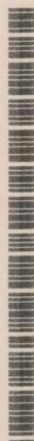
Aos Gianfero e Goitacoz os baixos Perrota e Godinho deram sofríveis desempenhos.

Os coros desobrigaram-se bem da responsabilidade que lhes coube.

Como costuma acontecer nas representações de "Lo Schiavo", foi suprimido um trecho de 3.º ato, inclusive a ária de Ilara "Guerra spietata e morte".

Em última análise, no conjunto, sem embargo da beleza dos cenários e da montagem em geral, o espetáculo esteve longe do apresentado em 1936 com os excelentes Angelo Questa, Borgioli e a notável Gina Cigne. Entretanto, apesar dos pequenos percalços inerentes às grandes estréias, apesar de não se ter podido obter o melhor rendimento das vozes, em razão da carencia de tempo para ensaios, ficaram evidentes o entusiasmo e o enorme esforço envidado pelo empresário Gagliotti no sentido de apresentar um espetáculo digno e honesto, procurando trazer a ópera novamente para o lugar que pode e deve ocupar no teatro.

Biblioteca Centro de memória - Unicamp



CMUHE010206